

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

RODAK, Wanderley Matheus . Wanderley Matheus Rodak (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 57min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Wanderley Matheus Rodak
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): José Paulo Florenzano; Raphael Piva Favalli Favero;

Levantamento de dados: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 09/09/2014 a 09/09/2014

Duração: 1h 57min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Agradecimentos; Anos 1970; Anos 1980; Ditadura; Edson Arantes do Nascimento (Pelé); Esportes; Eventos e comemorações esportivas; Família; Infância; Itália; Jânio Quadros; Liderança política; Minas Gerais; Mulher; Patrimônio público; Política; Rio de Janeiro (estado); São Paulo; Sociedade Esportiva Palmeiras ; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 09.09.2014 Apresentações iniciais; nascimento em São Paulo e origens familiares; a infância e o contato com o futebol e com a Sociedade Esportiva Palmeiras; lembrança do primeiro jogo no Parque Antártica e o ídolo Pelé; os jogos de futebol na infância no bairro; momentos marcantes nas idas aos jogos; a ida para a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP); a TUP em 1970 e a Charanga; a torcedora-símbolo, Édie Pascuti; características da festa da TUP no início; o departamento feminino da TUP; o torcedor Giovanni Capal “João Gaveta”; a relação da TUP com o clube e os jogadores; o troféu Gandula de torcida mais vibrante do Brasil; a torcida do Palmeiras antes da TUP; a influência da Gaviões da Fiel (1969) e da Torcida Jovem do Santos (1969) na criação da TUP; o episódio do incêndio na Torcida Tricolor Independente; as torcidas e o relacionamento com a polícia no período da ditadura e pós ditadura; o crescimento da TUP; a história do porco como um símbolo; a relação com as torcidas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; as caravanas da TUP para os jogos fora de casa; o código de conduta da TUP; a fumaça verde e o papel higiênico na torcida; as festas de premiações no Circolo Italiano; a sua primeira responsabilidade dentro da torcida e a importância do patrimônio; o período como presidente da torcida; as eleições presidenciais da TUP; a relação da TUP com as outras torcidas que surgiram; as campanhas de paz; a participação na associação de torcidas organizadas de Flavio La Selva; o não envolvimento político da TUP no período da redemocratização; a relação da TUP com política; episódio com o prefeito Jânio Quadros; o cotidiano na sede da TUP; o significado de se vestir a camisa da torcida organizada; a greve e a postura crítica da TUP frente ao Palmeiras no início dos anos 80; a formação inicial do torcedor e o diálogo da TUP com os seus torcedores; a primeira greve da TUP; o relacionamento atual com TUP e com o Clube Palmeiras; o relacionamento com os torcedores de outros estados e a troca de correspondências; o período como presidente da TUP; a relação da TUP com a Mancha Verde; a relação da TUP com o carnaval e a influência italiana; a opinião da família sobre a sua participação na TUP; os episódios de violência entre torcidas no interior; o Congresso Mundial de Torcidas em Roma (1980); agradecimentos finais.

Entrevista: 09/09/2014

R.F. - Bom dia, São Paulo, 9 de setembro de 2014, primeira entrevista com Matheus Wanderley Rodak, projeto Territórios do Torcer, os pesquisadores José Paulo Florenzano e Raphael Piva. Primeiro, obrigado pela presença Matheus. Você poderia começar falando o seu nome completo, a data, o local de nascimento e contar um pouco sobre sua família, sua infância, seus pais, qual era o trabalho deles?

W.K. - Meu nome é Wanderley Rodak, e o Matheus foi incorporado por uma circunstância de... Aí eu não tive como tirar esse nome, mas o nome ficou Matheus. Eu nasci no dia primeiro de abril de 1959, no Brás. Sou filho de imigrantes, minha mãe italiana, meu pai libanês, meu pai era comerciante, minha mãe dona de casa, somos em quatro irmãos, todos palmeirenses, e meu pai libanês e o mais palmeirense de todos de casa era meu pai. Era engraçado porque ele tinha essa... era um napolitano, veio criança e veio morar no Brás também. Então meu pai falava o napolitano, e ele conta que assistia jogos do Palestra, e o Matarazzo colocava os caminhões, ali na rua Caetano Pinto, então ia toda italianada, os homens, as mulheres iam todos assistir o jogo do Palestra. Então a minha vida é um pouquinho isso aí. Minha profissão, eu trabalhei na área de dublagem para televisão, durante 30 anos, hoje estou aposentado.

R.F. - Você pode falar mais um pouco sobre suas lembranças de infância, dos amigos do bairro, quando começou seu interesse por futebol?

W.K. - Com certeza. A gente viveu bem num ambiente bem da italianada do Brás. Então, o Brás era 90% de italianos, 90% de palestrinos, palmeirenses. E aí meu interesse porque meu pai tinha interesse que a gente fosse também palmeirense. O maior medo é que a gente seguisse por outro caminho. Então, ele incentivava. Me lembro que o primeiro jogo do Palmeiras que eu assisti foi em 1966, Palmeiras e Prudentina, se não me engano, foi no Parque Antártica. A gente sempre acompanhou e torcia, o Brás sempre fervia quando o Palestra, quando o Palmeiras jogava, todo mundo se interessava, entravam em casa e todo mundo com radinho, naquela época, escutando os jogos do Palmeiras.

J.F. - Você tem essa lembrança do primeiro jogo no Parque Antártica, o deslocamento do Brás?

W.K. - Sim, nós fomos de bonde, pegava o bonde na rua do Gasômetro, esse bonde levava a gente até o Parque Antártica. A gente já imagina que o bonde vinha apinhado de gente em dia de jogo, todos os torcedores dentro daquele bonde. Muitas vezes a gente ia assistir jogo durante a semana, porque não tinha luz, não tinha refletores nos estádios. Então a gente ia assistir jogo

muitas vezes durante a semana, Campeonato Paulista. Era bem legal, a gente estava até comentando que a gente via que o Matarazzo liberava os funcionários ao lado do Parque Antártica para assistir os jogos do Palmeiras. O estádio ficava lotado de gente. A gente era até chamado a “Colônia Fabril da rua Turiaçu” porque o Matarazzo liberava os funcionários para assistir o jogo do Palmeiras. Era bem interessante e era uma multidão de gente. E a gente criança, o estádio sempre era uma coisa gigantesca, o tamanho do estádio era gigantesco, “meu deus, o que é isso? Não acaba mais, é tão grande!” Quando era no Pacaembu também, nossa como é bonito assistir o jogo no Pacaembu! Naquela época todo mundo era misturado, era tudo junto e misturado. A gente nunca ia assistir clássico, assistia os jogos do Palmeiras com alguma outra equipe do interior. No máximo que a gente vinha era assistir jogo com o Santos. Que a gente vinha ver o Pelé, não é? A gente queria vir ver o Pelé, ficava extasiado de ver o Pelé jogar. Acho que não era só a torcida do Palmeiras, toda torcida. E a gente criança, o ídolo da gente, mesmo não sendo santista, era o Pelé. Tinha o Ademir da Guia, no Palmeiras, mas a gente vinha para ver o Pelé jogar. No dia que jogava o Santos, meu pai sempre trazia a gente para ver. Tinha esse costume. Se se comportava direito podia vir no jogo. Esse foi meu interesse pelo futebol, começou assim. Eu e meu irmão e uma das minhas irmãs também que é palmeirense fanática.

A.B. - E jogar futebol, Matheus, você tem essa lembrança pequeno, no bairro?

W.K. - Ah, sim. Jogávamos na rua, a gente jogava na rua e fechava a rua ali. Naquela rua já tinha um pessoal que jogava, a gente marcava jogo com o pessoal da outra rua. Marcava jogo sempre contra o pessoal da outra rua, e outra rua o pessoal de outro bairro. Mas o nosso campo era a rua. Sabe que quando foi inaugurada a Praça da Sé, a gente morava no Brás, a gente marcava jogo de madrugada com o pessoal da Liberdade. Então jogávamos em frente à catedral, saía de madrugada, eram nossos amigos ali, marcava jogo. Então era Brás com Liberdade, ali na Praça da Sé.

A.B. - Tinha nome esse time?

W.K. - Nosso time não tinha nome, a gente chamava o time do Brás e o pessoal da Liberdade o time da Liberdade. Monte de japonês, e nós um monte de italiano. Acho que era Itália e Japão o jogo. Era Itália e Japão. Eu sei que nós sempre dávamos um jeito de ganhar dos japoneses. E era engraçado porque era inclinado, então um era favorecido. Quem jogava em cima era favorecido para atacar. Aí a gente fazia um jogo de dois tempos ali para prejudicar.

R.F. – Nesse primeiro período que você começa a frequentar os estádios tem uma história que te marca, nessas primeiras idas aos estádios com seu pai, seus irmãos, tem alguma coisa que você se lembra que te marcou nesse período?

W.K. - Olha, essas histórias da gente sempre estar indo junto, e tinha uma tia também que ia assistir o jogo. Essa tia que de vez em quando roubava a gente e trazia a gente para assistir jogo aqui no Pacaembu, e ela ficava assistindo o jogo com radinho, e escutando Fiori Gigliotti. Se Fiori Gigliotti falasse alguma coisa que ela achava que ele tinha falado errado, você sabe que ela dava a volta e vinha brigar com ele aqui... “Tia, pelo amor de Deus!”, “não, ele vai me escutar agora, ele vai ter que me escutar agora, vai, vai escutar”. E ela não andava de ônibus. A gente vinha assistir jogo no Pacaembu e embora a pé para o Brás. Você imagine as pernas da gente como é que ficava. Eu lembro também uma vez que Palmeiras e Portuguesa, viemos aí, um português falou mal, meu pai já queria brigar. Nossa Senhora, foi um desespero, um pega pra capar, não achava mais meu pai, meu pai já não me achava mais, e o estádio era um mundo, né, “meu Deus, estou perdido agora aqui”. O desespero de você não estar perto do pai e falei “e agora, como vou embora pra casa, e tal. Meu deus, quando não é meu pai é minha tia que briga!”. Ficava naquela situação, meu Deus do céu, quando será que isso vai acabar. No fim dava tudo certo, não é? Se achava todo mundo, sempre tinha o pessoal que punha os panos quentes. Mas era engraçado. Período romântico, era um período romântico do futebol.

J.F. - Matheus, então essa primeira incursão no futebol é com a família. E a presença feminina...

W.K. - Junto, junto.

J.F. - E nos estádios de modo geral?

W.K. - Nos estádios de modo geral. Você percebia assim... minha irmã, nossa, quando a gente ia assistir o jogo iam todos, eu, minha irmã, meu irmão, era assim. Característica um pouco da comunidade italiana, portuguesa. Eu percebia muito isso também na torcida da portuguesa, que eram também famílias. Juventus também, os juventinos ali eram famílias que iam assistir o jogo.

A.B - Como se dá essa transição então do menino acompanhado pela família, que vai se tornar um adolescente, continua um apaixonado pelo Palmeiras, independente?

W.K. - Aí em 1970 foi fundada a torcida uniformizada do Palmeiras, a TUP. Meu irmão já começou a participar, em 70, e eu não tinha idade para participar da torcida, aí em 1972 meu pai deu autorização, eu era menor e ele deu autorização que eu pudesse participar da torcida. Nessa época a torcida era assim, foi fundada, mas já existia os torcedores que iam, a torcida do

Palmeiras tinha uma charanga, uma bandinha que tocava. Então conseguia reunir. Era a única torcida que tinha charanga, se não me engano só o Palmeiras e a Portuguesa que tinha a charanga. Então conseguia reunir um pessoal. Esse pessoal que se reunia, na época de 70, era três grupos na TUP. O pessoal estudante do colégio Dante Alighieri, depois o pessoal que morava na Pompéia, perto do Parque Antártica, e o pessoal da italianada do Brás. Então a gente ficou inserido ali. Começou a se organizar. Não tinha bandeira, a torcida não tinha patrimônio, então o patrimônio da torcida, por exemplo, era a minha bandeira, a bandeira do outro, cada um tinha a sua bandeira. Instrumento, um tinha, outro não tinha, mas a gente tinha a charanga, aquela charanga continuou junto com a torcida, que era a bandinha do Gino. Que a gente costumava falar que era a bandinha do pé gelado. Quando via aquela bandinha... “hoje o jogo vai ser difícil”. [risos]. Aí com a torcida se organizando um pouco, teve o apoio do Mario Travaglini, que era funcionário do Palmeiras, Mario Genovese que era diretor do Palmeiras e do repórter da Bandeirantes chamado Roberto Silva, “olho vivo”, eles que incentivaram, “porque vocês não se organizam, vocês vem em todo jogo...” foi assim que começou. Depois de um ano e meio que a torcida estava fundada, aí eu comecei a participar. Eu me sentia em casa, porque a TUP o que ela era? Ela juntava os velhos palestrinos, gente que ainda pegou o Palestra Itália e os jovens palmeirenses. Então, ali era uma família, tinha muitas senhoras que participavam, e a gente se sentia prazeroso de participar, porque era torcida uniformizada, isso queria dizer que no regulamento que você tinha que estar de calça branca, camisa verde, bordado atrás “torcida uniformizada”, sapato branco, então se você não tivesse, você não entrava no meio da torcida. O Palmeiras nos ajudava com ingressos, mas você tinha que estar uniformizado. Era bonito de se ver. Todo mundo de verde e branco. Depois a torcida começou adquirir seu patrimônio, teve uma sede ali na 24 de Maio. Essas senhoras que participavam da torcida, elas costuravam as bandeiras. A gente comprava o pano, o tecido e elas costuravam a bandeira. Então começou a ter um patrimônio de bandeiras, mas onde ia guardar isso? A italianada do Brás que tinha que se virar. Nós fomos os primeiros diretores de patrimônio da torcida. Às vezes a gente arrumava gente para levar os instrumentos e as bandeiras para o estádio, “dá para você passar aqui de carro?” A gente era tudo moleque, ninguém dirigia, não era todo mundo que tinha carro naquela época. Quando não arrumava, o que eles faziam? Falavam “Matheus, você é o menor, né? A gente vai parar um taxi, quando parar o taxi você já entra no taxi, dá um assobio e a gente já vem com as bandeiras”, com aquele pano vermelho, vinha todo mundo carregando as bandeiras no taxi, e o motorista não tinha como negar, porque

eu entrava no taxi, falava “eu não vou sair daqui”, “você fala que você não sai daqui Matheus, você vai ficar até nós entrarmos com as bandeiras”. Olha o sacrifício! Depois no jogo a gente tinha que ficar caçando “dá para você levar nós?” Senão a gente ia ter que voltar a pé para guardar. Os bambus e as bandeiras ficavam em casa, que era um casarão, tinha um corredor que dava para guardar. Os instrumentos ficavam na casa do Hermínio Francisco China, já faleceu, ele era família de militar, ele era major do exército, ficavam os instrumentos na casa dele. Depois a torcida conseguiu um quartinho no Palmeiras, uma bilheteria desativada na Francisco Matarazzo, aí ficou mais fácil, começou a se organizar. E eu sempre gostei, sempre tive esse espírito de colaborar de ajudar.

J.F. - Matheus, mas então, antes da TUP havia essa charanga, que era organizada por esse torcedor Gino...

W.K. - O Gino que tinha essa bandinha, que organizava, tocava as tarantelas, as marchinhas, ele que organizava.

J.F. - Não havia mais nenhuma outra torcida que você se recorda?

W.K. - Não. Eram os torcedores que ficavam em volta, mas não tinha uma torcida anterior, não.

R.F. - Você comentou de uma torcedora-símbolo? Como ela chamava?

W.K. - Sim. Édie Pascuti. Essa dona Édie eu achava, com certeza, era a maior torcedora do Palestra. Ela nasceu dia 24 de outubro de 1917, e o amor dela pelo Palmeiras, nossa, é até emocionante falar, porque ela não casou nem nada por tanto amor que ela tinha pelo Palmeiras. Ela contava as histórias para gente do Palestra, porque ela assistiu jogos memoráveis, como o Palestra 8, Corinthians zero, o tri campeonato do Palestra Itália, então ela tinha uma história rica. Quando você escutava ela falar, todo mundo respeitava. E ela era tesoureira da torcida. Honestidade, nossa, ela era tesoureira, ela que cuidava, trabalhava na sede, cuidava do dinheiro da torcida, vou te dizer, a TUP nunca ficou sem dinheiro. Ela era tesoureira, tinha outras pessoas que administravam também, que contribuiu para que a TUP fosse uma torcida organizada, começou se organizar, se destacar das outras torcidas por causa da organização. E o respeito, não só próprio, mas o respeito pelo próximo também. Ela não admitia briga na torcida, nem o presidente, eu também como presidente não admitia que alguém brigava, porque tinha regulamento, se brigava estava expulso. Então a gente tinha esse lema: “levamos mais amor aos estádios”. A nossa finalidade é torcer, incentivar, cobrar de quem de direito, mas violência nunca.

R.F. - Você comentou nessas primeiras bandeiras da torcida, você pode contar um pouco como era a festa da TUP nesse começo, as músicas? Quais eram as referências para criar essas melodias que eram entoadas nos estádios?

W.K. - Ah, sim. As bandeiras a gente fazia um concurso na torcida e a pessoa desenhava uma bandeira. Ia lá, fazia seu desenho no papel sulfite, tal, depois nós fazíamos uma reunião e íamos escolher o tamanho e a bandeira que ia ser feita. Os escolhidos sempre recebiam prêmios, fazia um concurso de bandeiras. E as músicas que entoava sempre de marchinhas do carnaval, você fazia uma paródia. Eram músicas conhecidas eram essas, de você ter uma marchinha de carnaval, “mamãe eu quero, alalaô”, inseriam as músicas de carnaval, músicas de letra fácil que a torcida pudesse estar gritando. Porque antigamente era só “olê olá, meu time está botando pra quebrar”. Se você olhar a letra, está botando, está quebrando o que? Era bem interessante a ideia que as pessoas tinham. A imaginação que o torcedor tinha. A preocupação, a primeira coisa era fazer festa, a preocupação nossa na TUP era fazer festa, não tinha outro intuito, de fazer uma festa mais bonita que o adversário. Numa época que tinha o *Diário Popular* fazia um torneio ali, entre a festa nas arquibancadas e da torcida.

R.F. - Você lembra em que ano foi isso?

W.K. - Acho que na década de 80, eu era presidente, de 80 a 85. Então a nossa intenção era essa. Tinha até o departamento feminino que até as unhas elas pintavam de verde e branco, a roupa, cada hora uma vestimenta diferente, então o departamento feminino era um departamento atuante, na época que eu fui presidente dava bastante valor para as mulheres, e inclusão também, porque tinha gente que eram deficientes físicos que a gente cuidava, levava para o estádio junto com a gente, o João Gaveta, todos os jogos estava com a gente. A gente ia viajar levava esse torcedor símbolo do Palmeiras.

J.F. - Eu lembro.

W.K. - Giovanni Capal, João Gaveta. Tinha sofrido um acidente e ficou com dificuldade para andar, para falar, mas para agir, não, ele era rápido, os juízes tinham o maior medo dele. Ele corria atrás dos juízes e mandava tijolo nos caras, ele era... Todo jogo que o Palmeiras perdia era porque o juiz roubou. E a gente sempre levava ele nos jogos, não era só levar, tinha que ficar amparando também.

J.F. - Ele era italiano?

W.K. - Italiano calabês.

A.B. - Matheus, você comentou do apoio inicial do clube, e a relação dos jogadores nesse início da TUP, uma participação ou um apoio, já que tem alguém fazendo festa para mim quando estou jogando?

W.K. - Era bem próximo. O jogador não era um jogador distante, os jogadores estavam sempre próximos. Por exemplo, partida aqui no Pacaembu, os jogadores antes do jogo, eles ficavam no alambrado assistindo o jogo preliminar e junto com a torcida. Era bem interessante. E a família do jogador ficava junto com a torcida. Eu lembro, o pai do Leão, seu Leoni, ele não falava que ele era Leão, seu Leoni, um italianão mesmo daqueles bem italiano mesmo, ficava com a gente na torcida, o pai do Alfredo Mostarda, ficava com a gente na torcida, filho do Ademir da Guia, ficava com a gente ali na torcida. Então nossa relação com o jogador era uma relação de amizade. Nós tínhamos que considerar que eles tinham momentos bons e ruins dentro de campo. Só que eles tinham uma família por trás, tem esse respeito. Então amizade com jogador... e festa que a gente fazia eles estavam sempre juntos, era um relacionamento legal, era bem próximo, não tinha essa distância. Era bem gostoso você assistir jogo e estava perto do seu ídolo, Ademir da Guia, estava sempre pertinho.

R.F. - Nesse começo da TUP, década de 70, a TUP ganhou três vezes o troféu Gandula, dado a torcida mais vibrante do Brasil. Como foi isso?

W.K. - Para a gente foi assim... não contava com isso. Quando ganhamos a primeira vez o troféu...

R.F. - O que era o troféu Gandula?

W.K. - Então, o troféu Gandula foi instituído pelo jornalista Wilson Brasil. Ele fazia uma enquete com os jornalistas, comentaristas, pessoal da rádio, da televisão, do jornal, para saber qual era a torcida que era mais vibrante, mais organizada. E a TUP ganhou por três vezes seguidas. A primeira vez nós ficamos admirados, a segunda, opa, acho que nós estamos indo para frente, a terceira ficamos vaidosos, e aí ficou o apelido da torcida “A mais vibrante” foi por causa disso. Não foi um título que nós nos demos, foi um título que a própria imprensa nos agraciou. Que é fácil, quando você tem um time que corresponde, no final da década de 70, a torcida tem um papel um pouco mais fácil. Quando o time começa a ficar ruim, aí é difícil, mas a gente estava preocupado em fazer festa, acho que também por causa disso. A gente estava preocupado em festa, em incluir as pessoas, então por isso de ser a torcida mais vibrante.

A.B. - Você tem lembrança de antes da TUP, de como olhar para aquele espaço ocupado, se ele era desorganizado, não se cantava junto...?

W.K. - Eu lembro como se fosse Copa do Mundo, era torcedor de Copa do Mundo, que vinha aleatoriamente, sentava onde quisesse, mas você não sabia quem estava do seu lado, se era um torcedor pró ou contra, se era um adversário ou era um torcedor que torcia junto com você. Mas o espaço era meio desorganizado, sim. Para falar a verdade era meio desorganizado, falava, naquela época sentava todo mundo junto, não tinha briga, mas a gente via de vez em quando uns... Como eu falei, até meu pai uma vez lá brigou... Então o sangue fervia ali, e era meio desorganizado mesmo, não era uma coisa organizada. Eu lembro que a torcida do Palmeiras ainda tinha essa charanga, tal, que era bem animada, tocava as marchinhas, as tarantelas, mas o espaço era bem desorganizado mesmo. Não sei se ruim ou bom, mas...

J.F. - Matheus, em 1969 foi fundada a Gaviões da Fiel, também em 69 a Torcida Jovem do Santos. Você acredita que elas influenciaram de alguma maneira o surgimento da TUP?

W.K. - Com certeza, porque foi um espelho de você ver que já existia na torcida do Corinthians e do Santos uma torcida organizada. Então nós achamos, o pessoal que estava lá achou essa necessidade que o Palmeiras também tivesse uma torcida organizada, sem dúvida. Se já existia foi um espelho, sim, um incentivo para todas essas torcidas que nasceram na época da ditadura. E o relacionamento nosso sempre foi bom, no começo o relacionamento entre as torcidas eram de... Tinham que se respeitar pelo menos. E do respeito a gente conhecia os torcedores, e um frequentava a sede do outro, não tinha problema nenhum. Eles eram adversários, não eram inimigos. Não tinha problema, não.

J.F. - Vocês visitavam a sede da Gaviões...?

W.K. - Eles vinham.

J.F. - E da Gaviões a da TUP?

W.K. - Tinha. A Gaviões teve um grande presidente que infelizmente já faleceu, chamado Flavio La Selva, foi um grande presidente, também um filho de italiano, então nós tínhamos relacionamento franco, não tinha esses problemas. Você vê que uma vez pouco mais a frente a torcida do Palmeiras foi no Morumbi e jogou alguma coisa de fogo que caiu dentro do quartinho da torcida do São Paulo, a Independente, que guardava as bandeiras deles, pegou fogo nas bandeiras deles. Aí nós compramos todos os panos para eles fazerem as bandeiras novas.

A.B. - Tinha diálogo, não é?

W.K. - Diálogo. Não era justo ter isso.

R.F. - Você lembra em que ano foi isso?

W.K. - Acho que no fim dos anos 70 também, começo de 80. Nós compramos todos os tecidos para eles poderem fazer as bandeiras novas. Uma vez a torcida do Corinthians pegou a faixa da nossa torcida infantil, o Flávio La Selva pegou a faixa foi lá devolver. Então tinha um mínimo de respeito.

A.B. - E o diálogo com a polícia, já que você comentou da ditadura?

W.K. - A gente tinha reuniões, isso já quando começou a violência um pouco descambar. Na época da ditadura não tinha muito... Acho não precisava, porque eles estavam ali só para evitar qualquer problema. A gente tinha consciência já que não devia brigar. Já aprendia isso lá escola. Se a gente brigasse apanhava até em casa. A disciplina era um pouco mais forte dentro de casa na época... Depois na época que começou descambar um pouquinho, abertura política e tal, começou descambar um pouco a violência. Aí foi necessário, antes de cada clássico ter reuniões no policiamento de choque e aí eles determinavam mais ou menos o caminho que cada um devia fazer e o outro devia fazer para não ter encontros de torcidas. Eu era um pouco... É chato isso, violência e briga não combina com futebol, não é? Mas tinha um relacionamento, inclusive até eu passei um folheto, a gente sempre mandava, rodava folhetos para não ter violência, e a gente na TUP sempre tinha um trabalho social, campanha do agasalho, tinha catástrofe a gente fazia na sede posto de arrecadação de mantimentos e roupas, éramos voluntários nas festas italianas, algum asilo ou alguma coisa que precisava de alguma coisa, de uma pintura, a gente se prontificava a trabalhar. Isso tudo para, olha, tem um outro caminho, violência quem quiser segue, mas nós somos torcedores e temos que fazer festa e temos que cumprir nossa função social. A TUP enquanto ficou na Praça da Sé nós mantivemos esse tipo de comportamento. Quando foi para Barra Funda, que conseguiu o terreno, a primeira coisa quando foi construída a quadra foi ceder aquela quadra para que funcionasse o circo escola. E fomos na comunidade da Barra Funda e dissemos, nossa sede está aberta, independente para que time as crianças torçam, mas está aberto para ter aula de futebol de salão, área de recreação para as crianças, para os jovens ali, então sempre teve essa preocupação também. Isso diminuiu um pouquinho essas pecha que era só violência, só atrapalhou em vez de ajudar.

A.B. - Como se dá o crescimento quantitativo dessa torcida que passa a ter uma presença?

W.K. - A gente para se organizar, nós tínhamos um número limitado que eram 300 associados. Depois disso só podia entrar um se outro saísse. Então todo ano havia uma renovação de inscrição. Só podia entrar um se saísse. Isso fez com que a torcida se tornasse organizada, porque tinham 300 pagantes, tinha uma mensalidade que você pagava, e nós fornecíamos

ingresso em todos os jogos. Não sei que mágica a gente fazia; o Palmeiras ajudava um pouco, não totalmente, mas um pouco, mas no começo foi assim. Tínhamos 300 associados e só podia entrar um se o outro saísse, isso fez com que a gente se organizasse, criasse um conselho, uma diretoria. Só que quando chegou no fim dos anos 70, não dava mais, tinha muita gente querendo entrar. E aí começou a surgir outras torcidas do Palmeiras. Se nós não abrímos, nós vamos sucumbir, e foi aí que nós abrímos e tinha muito associado, tinha muita gente.

A.B. - Abriu geral ou aumentou a quantidade apenas?

W.K. - Abriu geral. Aí você tinha que ter um controle sobre esses mais de 3.500 associados.

A.B. - Como que controla?

W.K. – É, como se controla...Aí você tem que criar cargos e fazer alas, dividir em alas. Então tinha uma pessoa que morava na Vila Maria, aquele cara da Vila Maria tinha uma certa influência sobre o pessoal que morava lá, então aquele cara era um diretor. Outro morava na Mooca, aquele cara era diretor, lá ele tem uma certa influência sobre quem mora na Mooca. Então a gente tentava fazer dessa forma aí. Um crescimento muito grande, é difícil, ficava difícil. A gente ia absorvendo um pouco essas histórias. Até quando a gente era chamado de porco, que a gente ficava enfurecido, que era um ato racista, a torcida chamar os italianos de porco. Chamar o negro de macaco é insuportável, a gente tem que abominar isso, mas e chamar os italianos de porco? Não é racismo? É ofensa. E num jogo de 1986, Palmeiras e Corinthians, semifinal de campeonato paulista, o presidente da Mancha Verde falou “vamos acabar com esse negócio aí, não vamos ficar mais bravos, se eles chamarem nós de porco, vamos chamar porco também, pronto. Porque se eles começarem a gritar porco, vão ver que nós estamos gritando porco também”, foi o que nós fizemos. Quando eles começaram a gritar porco de um lado, nós começamos a gritar porco do nosso lado também. “Eles estão gritando porco também!” Pronto, acabou, acabou. Aí tinha o diretor de marketing do Palmeiras, João Roberto Gobatto, “olha, vocês querem ganhar dinheiro com isso?” Nós pusemos o porco como marca registrada nossa, então tudo que a gente fazia colocava o porco, olha vou te falar a verdade, financeiramente nós crescemos muito. Então nós agradecemos a torcida do Corinthians que nos chamou de porco porque fez com que a gente ganhasse muito dinheiro, crescesse nosso marketing.

R.F. - A TUP?

W.K. - A TUP e a Mancha também.

J.F. - Matheus, você lembra quando começaram as provocações? Porque parece que isso remonta lá para os anos 70, bandeiras com desenho do porco nos estádios.

W.K. - Isso sim, nos anos 70. Em 74 não lembro disso, mas acho que 76, 77 começou a ter essa coisa de chamar de porco. Era pejorativo? Era pejorativo. No começo a gente ficava ofendido, mas depois, se é isso que caracteriza o italiano, o que vai se fazer?

J.F. - Era uma iniciativa apenas da torcida do Corinthians ou de outras torcidas também?

W.K. - Não, as outras torcidas não chamavam, não. Não lembro das outras torcidas gritarem, era mais a torcida do Corinthians mesmo. Que a rivalidade era com o Corinthians. Existia rivalidade com outros, mas a realidade paulista era Palmeiras e Corinthians. Nosso adversário era o Corinthians. Essas histórias são bem interessantes por que... Você ia assistir jogo no Maracanã, por exemplo, assistir jogo no Maracanã era festa, qualquer jogo, a torcida carioca era uma torcida simpática, os cinco clubes do Rio de Janeiro. Nós íamos assistir jogo e eles tinham charanga todos eles. Em Minas também, a mesma coisa, o Cruzeiro e o Atlético. Quando o Palmeiras ia jogar lá era festa, porque o Palmeiras era clube simpático. A torcida do Palmeiras era uma torcida simpática, então era festa. Recebiam a gente com perequitolinho verde. Nós quando íamos no Rio, também, cidade maravilhosa ou Minas Gerais, então era festa. Fazia desfile das bandeiras, os clubes juntos, a duas torcidas sempre juntas no Maracanã, Mineirão. Não sei quem foi que conseguiu colocar tanta violência no futebol. Aqui em São Paulo era um pouco mais difícil, porque nos outros lugares era festa. No interior então era terrível, as torcidas do interior Ponte Preta, Marília, Botafogo de Ribeirão Preto, parece que o pessoal do interior era mais violento que o pessoal de São Paulo.

J.F. - A TUP rapidamente começou a viajar para acompanhar o Palmeiras?

W.K. - A TUP rapidamente começou a viajar.

J.F. - Para o interior de São Paulo e para outros estados?

W.K. - Sim, em 70 já começou a se organizar com caravanas, então viajava-se. A TUP já viajava, se organizava. Até na Libertadores para o Uruguai, Argentina, íamos assistir o jogo, sim.

A.B. - Você contou um pouco da escolha da roupa, de ser uma condição para estar torcendo daquela forma. Existia um manual de conduta, uma orientação do que fazer, o que não fazer dentro da área do estádio ou antes do estádio?

W.K. - A conduta que a gente tinha a primeira coisa é que não podia brigar. Se tivesse violência, briga a pessoa era afastada da torcida. A roupa, por exemplo, calça branca. O que a gente fazia?

Colocava a calça no estádio para não sujar, porque ela tinha que ficar impecável, sapato branco, tênis branco impecável, e as mulheres de saia branca, as senhoras elas sempre iam de saia branca, as meninas de calça branca também. Mas a conduta era de ser impecável. Nós estávamos no estádio para torcer e fazer festa. Me lembro que as meninas ficavam cortando papel laminado prateado e dourado para quando o Palmeiras jogasse durante o dia, tivesse sol, a gente jogava aquele papel dourado e prateado que ia dar um efeito. Procurava efeitos, a TUP procurava sempre ter esse negócio, fazer um visual legal, ela tem que se destacar pelo visual, fumaça. A primeira torcida que soltou as fumaças no estádio foi a TUP. Teve uma convenção na Itália, de torcidas, isso foi em 1980. Todas as torcidas da Europa. Aí nós tínhamos um diretor administrativo da TUP, ele era romano, italiano, ele falou que ia. “Se você vai, leva todo material para trocar lá, adesivos... pode pegar a vontade, leva para divulgar a torcida”. Ele foi participar, foi a única torcida do Brasil presente nesse congresso de torcidas de toda Europa. Acabou sendo uma pedra preciosa ali no meio, torcida do Brasil, foi um negócio bem legal. E quem soltava fumaça era torcida do Roma, e a torcida do Roma fez um documento que autorizou a torcida do Palmeiras, a TUP, a soltar a fumaça. Aí nós tínhamos aquele documento em mãos, fomos na Marinha, porque teve que ter autorização da Marinha, porque a Marinha usa aquele sinalizador, então tem que ter autorização da polícia. Deu um pouquinho de trabalho, achamos um fabricante, a Índios, que era de um palmeirense, começou a fabricar aquela fumaça verde. Olha, as primeiras fumaças verde, quando começava a soltar aquilo impregnava na pele, na roupa, você parecia o Hulk, acabava o jogo você estava totalmente verde. Eu lembro que a primeira vez estava um policial perto da gente, aquela fumaça foi justamente em cima dele, o capacete dele estava verde, ele estava verde, a farda verde, mudou de patente, agora ele está no exército. Ficou todo verde. Depois foi aperfeiçoando, melhorou um pouco. Mas a gente arrumava um jeito. Aí não tinha fumaça branca, usávamos gelo seco. Vínhamos na administração do Pacaembu “perfeitamente, para fazer festa, vocês podem usufruir de tudo aquilo que o estádio pode oferecer para vocês, para fazer festa vocês podem fazer tudo”. Aí soltava gelo seco, fumaça verde. Era bom, era bom. Nós tínhamos o privilégio de... eles não cobravam a fumaça da gente, fizemos um contrato que durante cinco anos, em todos os jogos nós teríamos a fumaça, o fabricante. E a gente abria para as outras torcidas. Então as outras torcidas, no começo, ligavam para nós, do Cruzeiro, Internacional, “como a gente faz para ter lá?”, “s vocês quiserem a gente manda para vocês”; não tinha esse negócio de era só nosso, os outros também tinham direito de fazer a festa. Na época que jogava papel higiênico também,

nossa, que trabalho que dava. Você tinha que ir em distribuidor de papel, comprar aqueles fardos e fardos de papel higiênico e tinha que alugar um caminhão para levar aquilo para o estádio. Como vai levar? Tinha que levar no caminhão. Quando o policiamento proibiu aquilo, falei, meu Deus, graças a Deus. Graças a Deus, acabamos com o desperdício. Porque ninguém queria parar de soltar. Imagina, vai ter um clássico vai soltar outro, não vai? Ninguém queria parar. Quando o policiamento falou, vamos proibir, deu a justificativa, eu falei, nossa, melhor coisa que aconteceu. O desperdício foi embora.

J.F. - Matheus, a TUP realizava as festas no Círculo Italiano, e havia inclusive uma premiação para jogadores do Palmeiras e adversários. Eu me recordo uma vez que a TUP homenageou como revelação o Casagrande, foi na época da Democracia Corinthiana. Queria que você falasse um pouco dessas festas, do Casagrande, da Democracia Corinthiana, como ela aparecia para vocês?

W.K. - A torcida organizada, era uma época de muita organização. Vamos homenagear, na época do nosso aniversário, no dia 29 de novembro, vamos fazer um jantar para comemorar e vamos homenagear os melhores. Então chamamos a imprensa falada, escrita e televisada e tinha votação. Na sede tinha a cédula lá, o associado ia escrevendo quem ele achava que tinha que ganhar. E tinha o melhor jogador do Palmeiras, a revelação do Palmeiras e o melhor jogador de outro clube. Teve um ano que ganhou o Casagrande, na época da Democracia. Convidamos ele, e as festas eram feitas no Circolo Italiano, que eu era estudante lá e consegui com o presidente, ele ficou super feliz porque ia todo Palmeiras para dentro do Circolo Italiano, na verdade. Aí levamos o Casagrande. Quando ele chegou, qual seria a reação da torcida? Preocupação, porque justamente o Corinthians, quando ele chegou até a gente ficou emocionado porque, nossa, ele foi recebido... todo mundo foi abraçar ele, ele... ele imaginava, “será que vão me receber bem?”, “fica tranquilo”. Mas eu mesmo não sabia se iam receber bem ou mal, mas foi assim uma coisa espontânea, que ele foi recebido com tanto carinho, mas com tanto carinho por todos os torcedores, por todas as pessoas que estavam lá dentro. Ele falou “olha, eu já fui homenageado pela torcida do Corinthians, mas esse carinho, eu não vou esquecer nunca mais”. E até hoje ele fala isso, que ele foi homenageado. E os outros torcedores também eram convidados. Os presidentes das outras torcidas a gente também convidava.

J.F. - E eles participavam, compareciam?

W.K. - Vinham. Tinha uma mesa só para eles, eram os convidados lá. A gente não era inimigo, era adversário só. Não tinha esse tipo de problema. Com certeza, ele... o Wladimir também

chegou a ir a festa de aniversário, Muricy chegou a ser premiado também, Enéas, Portuguesa, o Rodolfo Rodrigues do Santos, e nunca deixaram de ir. Todos eles, todos os anos estavam presentes nessa festa. Porque todo mundo esperava isso, essa festa da torcida do Palmeiras. Recebiam o periquito de troféu, era bem concorrida, todo mundo queria participar. Era bacana mesmo. Depois a gente fazia...estava no Circolo Italiano era uma festa italiana. Nunca conseguimos e nem queremos nos desvincular disso, dessa italianidade. Nós somos o Palestra Itália.

A.B. - Matheus, você contou que a sua primeira responsabilidade dentro da torcida foi dentro dos patrimônios. Conto um pouco do seu caminho, as outras responsabilidades, e se é um padrão começar no patrimônio?

W.K. - É um padrão, sim. Quem quer... Eu nunca pensei em ser presidente, mas eu acho que a pessoa que quer comandar uma torcida, tem que começar lá por baixo. Por baixo é o seguinte, não é uma coisa de menosprezo cuidar do patrimônio, que eu acho que é a parte mais importante você guardar aquilo que você tem de mais precioso que são as suas bandeiras, seus instrumentos. Então eu comecei com essas bandeiras mesmo. Eu ter a minha própria bandeira, depois guardar as bandeiras na minha casa e depois ajudar a levar essas bandeiras. Porque ninguém queria levar os bambus e as bandeiras, carga pesada, a parte mais pesada é essa. Depois distribuir as bandeiras nos estádios, não deixar as bandeiras juntas, hora de abaixar a bandeira. Na hora do jogo as bandeiras tem que ficar abaixadas, e aí foi um processo, ser conselheiro da torcida, diretor do patrimônio, aí de diretor de patrimônio, secretário, secretário geral, e por fim ser presidente. Quando eu terminei meu mandato de presidente, eu voltei a ajudar nas bandeiras de novo. Então, eu achava que eu tinha que voltar lá para meu lugar.

R.F. - Você foi presidente entre 1980 e 1984...

W.K. - A melhor coisa que você faz, é você ficar o tempo necessário dentro de uma organização. Porque se você fica muito mais do que aquilo que é determinado, você começa a ter o relacionamento muito difícil, porque é um cargo que às vezes as pessoas ficam cobiçando. Então o bom presidente fica o tempo certo. Até hoje eu encontro o pessoal na rua, falam, Matheus, você foi o melhor presidente que a TUP teve. Eu não acho que eu fui o melhor presidente, fui presidente que ficou no tempo certo, nem mais nem menos. Pude ajudar. Você trabalhar com o coração puro e as mãos limpas. Eu nunca mexi em dinheiro. Só falavam “tem tanto de dinheiro”, “então tá, dá para fazer essa coisa? Dá, não dá”. Então eu acho que o bom presidente você fica no tempo determinado, tempo certo. Não há necessidade de ficar muito

mais tempo, senão você se torna um ditador, toma aquilo como seu, e não é, aquilo pertence a todos. Você estar como presidente, você está administrando aquilo que é dos outros. A responsabilidade é muito grande. Eu ficava às vezes com o coração na mão quando eu via que alguma briga, alguma confusão, dizia, meu Deus, e se alguém vai se machucar. Quantas vezes tinha que ir na delegacia tirar alguém lá. Era difícil. Eu conhecia todas as delegacias de todas as cidades do interior, conhecia todas. [risos]. Conhecia todo mundo. Hospital, delegacia; era isso mesmo, era nossa função. Não é vaidade nenhuma, é estar a serviço ali.

J.F. - Matheus, qual era o mecanismo da eleição do presidente? Os conselheiros votavam ou todos os sócios votavam?

W.K. - Todos os sócios tinham direito a voto. Aí se marcava uma eleição. E na verdade nunca teve duas chapas, era sempre uma chapa só, que entrava em consenso e se fazia a eleição. A eleição era só para referendar o nome daquela pessoa. Chegava no conselho, “você pode ser presidente?” Tudo bem. E muitas vezes no meio do caminho a pessoa desistia, então alguém tinha que estar por perto. Como eu era secretário geral, às vezes assumia a posição daquele que não podia ser mais presidente. Meu irmão foi presidente também, mas ele não tinha muito tempo para ser presidente, então ele falou... Na verdade ele era o vice, o presidente saiu, ele teve que ocupar e não pode assumir porque ele tinha muito compromisso, muito trabalho. Eu era secretário geral, aí teve um consenso, “Matheus, você fica até a gente conseguir um novo presidente”, e depois eu fui tapando os buracos, eu falei, acho que posso ficar mais dois anos aí, aí fiquei até 85. [risos]

A.B. - E como era a relação com as outras torcidas que surgiram depois da TUP?

W.K. - Depois da TUP surgiram muitas torcidas, mas não tinha nenhum tipo de problema. O que acontecia? A TUP quando a turma brigava, punha o pessoal para fora. Esse pessoal começou a se organizar, esse pessoal tirado, se ajuntar, tal. Eu nunca olhei eles como inimigo, não encarava eles como inimigo porque eram palmeirenses como nós. Fizemos muita coisa em conjunto, eu tinha um diálogo muito bom com eles, não tinha problema nenhum. Só não queria misturar, esse negócio de amizade com briga, para brigar com terceiros, isso eu não aceitava mesmo. Era questão de covardia, não sei que; não, é nossa questão de princípio. Mas depois ficou muito complicado isso, porque começou a ter na mídia mais valor aquele que estava brigando. A imprensa é um pouco culpada de divulgação da violência, porque se fizesse como foi feito na Inglaterra, por exemplo, eles não divulgam imagem de violência, acaba, não tem mais nem alambrado no estádio. Quem brigou vai ter que responder preso. Estádio não é lugar

de briga, nem nas ruas, futebol não foi feito para ter briga, foi feito para ter desporto, respeitar a vida do semelhante que está ali. Pelo menos era essa minha opinião, por isso que até 94 eu fiquei, depois eu falei, acho que é bom descansar um pouco também. Fica as memórias e outro caminho que fosse seguido já... Eu lavo minhas mãos. Mas o policiamento não gostou que eu saí não, “Matheus, você tem que ficar”, “não dá mais”. Porque meu diálogo era sempre franco, eu estava sempre junto com eles, sempre franco, sempre honesto, e evitava muita confusão.

J.F. - Quer dizer, você assume num momento em que tem essa transição de um cenário de uma convivência mais pacífica para uma situação de uma escalada de violência?

W.K. - É.

J.F. - Você inclusive desencadeia campanhas de paz. Como eram essas campanhas que a TUP...?

W.K. - A panfletagem... Um a um dá para você falar, mas a panfletagem de comunicados, olha, estamos aqui para ter paz, não ter briga, nosso intuito é esse, vamos levar mais amor, ajudar quem precisa, não vamos brigar, não adianta, não adianta isso. Era uma situação meio difícil. Eu nunca briguei no estádio, nunca desferi um soco, um tapa em ninguém e também nunca apanhei. E era respeitado pela minha postura. Tinha jogo Palmeiras e Corinthians, tinha que acertar os ingressos, para o outro lado, o lado da bilheteria, eu passava, lógico que sem a camisa do Palmeiras, mas eu passava no meio da torcida do adversário para acertar conta, e voltava. “Matheus como você passou no meio deles e ninguém fez nada com você?”, “o que eles podem fazer comigo? Eu nunca fiz nada contra eles”. Era respeito, não é? Era respeito. Quando tinha alguma coisa, ligava “Matheus, está acontecendo isso...” espera um pouco, vamos resolver isso. Resolvia tudo na base do diálogo, não precisa brigar, de jeito nenhum. Mesmo com o presidente dos Gaviões da Fiel “olha, a gente fala que a gente vai se encontrar lá, mas no fim a gente vai pegar caminho diferente”. “Vamos mudar o caminho para pegar eles lá”, “não, a gente sabe que eles vão para o lado de lá”, pronto, evitava. É bom para as duas partes não ter briga, é bom respeitar o outro.

R.F. - Como era isso, você acertava o caminho?

W.K. - É, a gente acertava os caminhos diferente para não se cruzar. Só que a gente falava “nós vamos encontrar eles”, mas nunca se encontrou, porque entre a gente já tinha resolvido isso, então era o bom senso, tem que usar. Chegavam todos inteiros em casa, todos felizes, pronto, não teve confusão. Queriam brigar, mas a gente tinha que por os panos quentes aí para não ter confusão.

J.F. - Desde meados dos anos 70 o Flavio La Selva tentava colocar em prática uma associação de torcidas organizadas. A TUP participava dessa associação?

W.K. - Sim. A TUP sempre participou. Ele era uma pessoa de paz, ele era um homem digno, então, com certeza, ele nos arrastava para as coisas do bem, ele podia contar com a gente, sim. Tinha um acordo de cavalheiros, sem policiamento, se punha policiamento no meio que depois dava confusão, mas ele era um homem digno, sim. Ele, o Silva, da torcida da TUSP, o pessoal da Portuguesa, pessoas de palavra. Eram torcedores de verdade. Não eram torcedores profissionais, eram torcedores mesmo. Meu amigo da torcida do Juventus, Sergio Mangiullo, amigo, sempre estava com a gente também. A gente fez o estatuto da Ju Jovem que precisava para frequentar os estádios, precisava ter o estatuto. A torcida tinha que estar organizada para frequentar estádio. E na época nós copiamos o nosso estatuto da torcida para ele. Precisava da gente nós estávamos lá para ajudar. Éramos irmãos.

R.F. - A torcida precisava desse estatuto para frequentar o estádio na época?

W.K. - Precisava ter uma organização, sim.

R.F. - Junto a...?

W.K. - Com certeza. Policiamento...

R.F. - Pelo contexto do regime militar?

W.K. - Acho que não era o regime militar, não. Acho que era para ter de quem cobrar. Senão você vai cobrar de quem? A turma brigou, meia dúzia de pessoas que puseram a faixa lá, você vai responsabilizar quem? Então as torcidas tem que ser organizadas. Tinha que ter estatuto e tudo.

R.F. - No período que você foi presidente, no final, em 85, com o processo de redemocratização do país, tem uma história famosa que a Gaviões esteve envolvida em passeatas nas ruas, esse tipo de coisa. A TUP teve algum envolvimento também?

W.K. - Não, nós não tivemos.

J.F. - A campanha das Diretas Já a TUP...?

W.K. - Não, nós não nos envolvemos. Não nos envolvemos com a política, não participamos. Eu sei lá, nós não tivemos esse incentivo para participar, nós éramos torcidas de futebol, não tínhamos envolvimento político.

A.B. - E como os políticos tentam se envolver com a TUP ou tentaram?

W.K. - Tentava muito, mas nós não trabalhávamos para eles. Nosso negócio é futebol, é torcida, é futebol, não temos essa influência. Alguns jogadores que se candidataram tiveram o nosso

apoio, mas é só apoio, não era um apoio ostensivo. Não tínhamos nada que ver com política. Tínhamos amizade com alguns políticos. Fomos homenageados na Câmara pelo prefeito. Era presidente da Câmara, Altino Lima, tem uma foto lá junto com a gente. Nos homenageou também como a torcida mais organizada, recebemos uma salva de prata na Câmara Municipal, mas nós não nos envolvíamos na política. Não sei se estava certo ou estava errado, mas não era nosso intuito, fugia do nosso intuito. Ajudávamos assim, as obras que precisavam estávamos pronto lá para ajudar. Colocava a nossa sede sempre para posto de recolhimento de doativos para as campanhas, ajudávamos muito como voluntários nessas festas italianas, no Brás, na Mooca, na San Gennaro, São Vito, Casaluce, éramos voluntários nessas festas. Mas não tinha interesse na parte de política, a gente estava meio fora. A gente sentia um cheiro de arroz queimado nessas atividades aí, porque nunca ninguém faz nada de graça, e comprar votos, essas coisas aí, a gente não se envolvia. Amizade a gente tinha com as pessoas.

J.F. - Você recebeu algum convite para sair candidato a vereador, e a TUP elegeu alguém, tem algum integrante da TUP que se lançou em carreira política?

W.K. - Não, não temos não. Nunca senti essa vontade de ser vereador, nem nada. Achava que eu não posso usufruir daquilo lá, não posso ficar querendo beneficiar só a minha comunidade. Precisa beneficiar a todos. Nós fomos uma vez com o prefeito Jânio Quadros, que nos convidou para participar de uma reunião e nós fomos lá. De repente começaram a falar, eu já me levantei da mesa, falei “não, desculpe. Vou até votar no senhor se precisar, se precisar de mim vou ajudar, mas não vou envolver a torcida”. Mas aí já era na época que eu não estava tão enfrornado. Eu sei que ele ajudou a torcida, era o PTB, ajudou a torcida com a sede inclusive. Tem hoje lá foi um comodato que ele...

R.F. - A sede da Barra Funda?

W.K. - A sede da Barra Funda foi um comodato que pertencia, ali pertencia a Sociedade Amigos da Barra Funda, e que eles abandonaram aquele terreno. Então, acharam, “você vão ficar ali”. Teve uma votação na Câmara e cederam aquele espaço lá. O espaço da Barra Funda eu fiquei pouco tempo lá, eu já estava me afastando.

R.F. - A primeira sede da TUP ficava na rua 24 de Maio no centro de São Paulo. E que ano que foi isso, como ela funcionava durante a semana, como ponto de encontro dos palmeirenses? Fala um pouco como era a vida dessa sede no começo da TUP.

W.K. - A primeira sede foi na 24 de Maio, então era um escritório, que começou a se organizar, os associados que iam lá pagar a mensalidade. Basicamente era isso, tinha a sede com um

escritório para receber a mensalidade e se organizar. Telefone para ligar, não tinha muita coisa além disso não. Depois a sede passou a ser na Barão de Paranapiacaba, em 72. Quando eu fui a sede já era na Barão de Paranapiacaba. Lá já começou uma sede um pouco mais organizada, tinha essa dona Edie que era tesoureira, ela que cuidava lá da parte, tinha uma outra menina que era auxiliar dela, então aí já se passou a se organizar melhor a torcida, com uma sede, lugar para vender suvenires da torcida, camisa, chaveiro. Que a torcida vivia disso, de venda de material. Não tinha uma renda, fora essa, além daquela que pagavam os associados. Ia embora todo dinheiro porque, imagina, o pessoal pagava o que vale a dois ingressos no dia de hoje, e nós dávamos os ingressos de quatro, cinco, seis jogos.

A.B. - Qualquer pessoa podia comprar esses suvenires?

W.K. - Qualquer pessoa podia comprar. A camisa, não, a camisa só associado podia comprar. Porque era o controle da gente, porque se alguém brigasse usando a camisa da torcida, a gente não podia saber quem era se vendia para todo mundo, então somente os associados podiam comprar a camisa. O resto todo mundo podia comprar. E vendia muito, vendia muito. A gente tinha que usar uma estratégia. Eu lembro que o Palmeiras ganhou o troféu Carranza em 75, foi tricampeão do troféu Carranza, quando o Palmeiras ganhou nós já mandamos fazer o chaveiro. Um lado o Palmeiras do outro lado a taça, tricampeão. Mandamos fazer em tempo a jato, recorde. Acho que nós vendemos naquele jogo, foi um jogo com o Ceará, no Parque Antártica, perto de uns sete, oito mil chaveiros. Todo mundo comprava dois, três. Fazia barato para vender muito. Então vendia muito. Aquilo já dava para a gente viver um bom tempo.

A.B. - Na sua opinião, qual é o significado do torcedor vestir a camisa nesse período e qual é o significado do torcedor organizado vestir hoje uma camisa, não só da TUP, mas de outras representantes?

W.K. - Os tempos mudaram bastante. Naquele tempo as pessoas tinham orgulho de fazer parte da torcida, mas ele era mais palmeirense, era mais torcedor do clube do que um associado de torcida. Hoje eu acho que ele é mais associado de torcida do que torcedor do clube. Ele sente muito mais prazer hoje de vestir uma camisa de uma torcida organizada do que vestir a camisa do clube. Porque a torcida está na frente do clube e naquele tempo o clube estava na frente da torcida. Então primeiro eu sou palmeirense, depois sou tupista. E hoje já tem a sua tribo, o seu grupo de pessoas que são mais torcedores uniformizados do que torcedores do próprio clube. Naquele tempo era um pouco mais... a gente se preocupava mais em ser torcedor do Palmeiras,

e não ficava de braços cruzados em situações difíceis do Palmeiras. Fomos a primeira torcida a fazer greve, a TUP.

A.B. - Conta isso...

W.K. - Fomos a primeira torcida a fazer greve no jogo em um jogo no Parque Antártica, um Palmeiras muito mal, e, bom, o Palmeiras está mal, a gente não toma nenhuma posição, agora, se a gente continuar indo no estádio, nos fazer presente ali, não vai mudar nada, nós temos que dar uma resposta a isso. Então ficamos na porta do estádio e não obstruímos a passagem de ninguém, o direito de ir e vir de ninguém, mas nós nos posicionamos, não vamos entrar. Viemos até a porta do estádio e fizemos greve, então fomos a primeira torcida a fazer greve, não entramos, fomos no jogo, mas não entramos. Se deu certo...

A.B. - Tiveram alguma resposta, um pedido de retorno, um diálogo com vocês?

W.K. - Sim, sempre tinha. Quando a situação era difícil tinha que ter diálogo, senão ia descambar. Pedimos oportunidade, vamos tentar ver o que a gente faz, vamos evitar vaia, vamos evitar... mas se o time joga mal, é muito complicado. Se o time é mal dirigido, é muito complicado. E como eu falo, o Palmeiras teve dois grandes presidentes, na história mais moderna, Delfino Facchina e Paschoal Walter Byron Giuliano, eles eram as raposas, eram espertos. No futebol que ter isso, não é só dentro das quadras, você tem que ter o comando ali e não deixar as coisas fugirem do controle. Depois vieram amadores dirigir o Palmeiras. Então, pessoas também apaixonadas, mas que não tinham, não sabiam o que estavam fazendo lá, ou por vaidade, por inexperiência, aí começamos a passar uns perrengues bem difíceis com o Palmeiras. Mas aí você tinha que ter o diálogo. Senão ia ser uma batalha de justiça. Se você fala uma coisa eu te processo, então... Na época que eu fui presidente foi uma época bem difícil, o Palmeiras duas vezes esteve na zona do rebaixamento do Campeonato Paulista. E como resolver isso? Segurar o torcedor era difícil, era bem complicado, e manter um diálogo com o jogador já não era tão fácil como era antes quando a gente se encontrava no Pacaembu, no alambrado do Pacaembu, já não era mais isso, não. Tivemos tempos áureos e tempos difíceis.

J.F. - Você assume então nesse período que o Palmeiras passa dificuldades dentro de campo. São dois rebaixamentos para a série de prata, no início dos anos 80. A TUP nesse momento assume uma postura crítica em relação à diretoria do Palmeiras, chega ao ponto de uma ruptura, vocês foram de alguma maneira reprimidos por causa dessa postura crítica?

W.K. - Reprimidos, não, mas que nós tivemos postura crítica, sim. Porque a TUP cresceu muito, então reprimir uma torcida que tem uma representatividade, eles ficavam com o pé atrás.

Mas a nossa crítica nunca deixou de existir. Eu estava praticamente todo dia dentro do Parque Antártica. Não só cuidar da torcida, mas ficar de olho no que estava acontecendo em volta. Nunca me importou se o jogador era um jogador que ia curtir a noite, isso não me interessa, bastasse que ele jogasse bola. Para mim às vezes diziam “o cara curte a noite, não sei que, precisa dar uma prensa...”, “o que é isso!” que negócio é esse de dar prensa no jogador! A vida é dele, imagina. Mas a gente era crítico. Olha, tem uns presidentes lá que ficaram de cabelo branco.

R.F. - Você era sócio do clube?

W.K. - Era, era sócio do Palmeiras também. Então eu estava lá todos os dias. Saía do meu trabalho, porque eu sempre trabalhei, eu nunca vivi da torcida, então eu tinha meu emprego, saía do meu serviço e ia lá ver o que está acontecendo, conversar com os diretores, dialogar, aprender também, aprender com gente que a gente queria bem, a gente aprendia muito.

R.F. - Muitos integrantes da TUP eram sócios do clube também nessa época ou no começo?

W.K. - Tinha bastante associado que era da TUP e era sócio do Palmeiras. E a gente se reunia ali. Era tudo na base do diálogo, não precisava passar para outra fase, não.

A.B. - Pegando essa brecha de aprender, como se dava a educação desse torcedor? Existia além de reuniões dentro da sede, existia uma iniciação ou o torcedor ele se comporta a exemplo de lideranças da torcida?

W.K. - Quando a pessoa ia se inscrever como associado, ele era obrigado a participar de uma reunião que era realizada aos sábados, na sede da Barão de Paranapiacaba, então ele era obrigado a participar dessa reunião onde ele ia conhecer o regulamento, a forma de comportamento dele, e o que ele devia fazer para o engrandecimento da torcida. Então era necessário. Fazia uma reunião antes da pessoa querer participar, “você é obrigado, você só vai ser admitido oficialmente depois de você participar e assinar o regulamento de que você está ciente de que tem de ser dessa forma”. “Você assinou o regulamento, você não sabia que não podia brigar, você não sabia que você tinha que se comportar? Então”. Era um pouco isso aí, tinha uma iniciação, sim. Não era negócio de violência nem nada, era para falar sobre isso. E quem fazia essa reunião era um ex-presidente que criou todo esse regulamento, chamado Roberto Fontes. Foi um excelente presidente, ele que criou toda essa estrutura para a torcida. Era ele que se encarregava de passar esse regulamento.

A.B. - E essas decisões, como essa greve, como eram transmitidas para esses torcedores?

W.K. - A gente mandava um comunicado para a imprensa “hoje não vamos entrar no estádio por causa disso, disso e disso”. Porque tinha que ter uma resposta, e tinha que ter uma divulgação, então a gente ficava na porta e falava, hoje a gente não vai entrar. Vamos torcer aqui fora.

R.F. - Você se recorda qual o jogo, em que ano que foi a primeira greve?

W.K. - A primeira greve acho que foi no Pacaembu, Palmeiras e Botafogo de Ribeirão Preto.

R.F. - O ano você se recorda?

W.K. - O ano não recordo, mas foi naqueles anos...

J.F. - Início dos anos 80.

W.K. - É, início dos anos 80. Nessa época que a gente fez a primeira greve. Não entramos no estádio, pronto, acabou. Quem estava acostumado a ver a TUP nos estádios, falou, pô, eles estão dando uma resposta a essa situação desagradável que está acontecendo, e acontecia essas coisas por pura falta de experiência, sabe, a gente era amador no meio do caminho. Me lembro uma vez que o técnico do Palmeiras, 1983, era o Diede Lameiro, o Palmeiras estava meio ruim, se perdesse do Taubaté ele ia para a segunda divisão. A diretoria do Palmeiras abandonou ele, e ele ligou para minha casa e falou “Matheus, dá para você vir aqui conversar com os jogadores, quem sabe, o que a TUP pode fazer?” Aí reuni a diretoria, fomos lá, conversamos com ele, e quando o ônibus foi sair do Parque Antártica, nós subimos no ônibus e dissemos “fiquem tranquilos, nós estamos com vocês. Perdendo ou ganhando nós vamos estar com vocês. Mas façam tudo para o Palmeiras não cair”. E o Palmeiras empatou 2 x 2, e não caiu. Foi aquele pontinho que um montão de resultados, o Juventus ganhou do Noroeste, a Ferroviária ganhou do Marília, o Palmeiras ficou fora, mas era gente amadora que estava dirigindo o Palmeiras, que abandonou o técnico na hora que ele mais precisava. E não é nosso papel de torcedor ir resolver problemas do clube, mas o técnico sentiu mais confiança na gente do que na própria diretoria que tinha abandonado ele. Ganhamos um amigo, Diede Lameiro, uma pessoa extraordinária no futebol.

J.F. - Matheus, essa proposta de greve, você se recorda quem apresenta essa proposta, havia uma discussão ampla dentro da TUP?

W.K. - Uma discussão ampla, a gente fazia a reunião, e “vamos fazer isso? Vamos. Pronto. O que vocês acham, estão de acordo?” Então era sempre em consenso, não tinha essa situação. Responsabilidade que você tinha de fazer isso. Mas uma greve não era nem uma coisa extraordinária, então, vamos fazer, pronto.

R.F. - Você lembra da onde surgiu, quem que...?

W.K. - Olha, não foi nenhum sindicalista, [risos] nenhum torcedor profissional, partiu mesmo... Alguém que deu a ideia e vamos entrar, mas não vamos entrar no estádio? Não, Acho que nós não devemos. Vamos fazer isso, não vamos entrar, pronto. Não entramos. O Palmeiras ganhou o jogo, acho. Mas nós não entramos no estádio, foi a melhor coisa que nós fizemos. Ter esse relacionamento de fazer as coisas por impulso só da gente, não, a situação de só fazer as coisas por impulso, não, tinha que ter um consenso. Quando eu estava na torcida tinha um pessoal da Vila Maria que adorava briga, adorava briga, e toda hora tinha que ir para a delegacia por que... Vou resolver esse problema de briga. Peguei o líder dele e falei, “agora, eu vou nomear você, você vai ser o vice-presidente”, “eu, Matheus?” “É, porque se você brigar, você vai responder pelos seus atos”. Acabou a briga, acabou a confusão. Ele tinha que responder pelos atos dele, pronto, acabou. A paz reinou ali. É só dar responsabilidade para a pessoa, que a pessoa sabendo que aquilo que ela vai fazer, ela vai ser responsável pelos atos dela, ela tem que tomar outra postura. Pois é, então essa situação de torcida foi isso daí. Teve um passado bonito, a gente espera que retome isso daí um dia.

A.B - Como que o Matheus hoje se relaciona com a TUP?

W.K. - Hoje tenho o pessoal mais antigo que me conhece, mas eu não frequento mais essa sede, há muito tempo que eu não vou, mas pelo Facebook, internet a gente está sempre compartilhando, conversando, então nosso relacionamento hoje é mais de... Alguns eu vejo, a gente se encontra, às vezes venho no estádio, nos encontramos também, então tem uma certa amizade, um certo respeito. Eu tenho amizade com todo mundo, para mim todo mundo é ótimo.

P: - E como o clube Palmeiras se relaciona com o Matheus?

W.K. – Então, eu tive problema de quando me opus ao presidente, Mustafá Contursi, fui convidado a me retirar. Aí quando o presidente Della Monica assumiu a primeira coisa que ele fez foi me ligar, para eu voltar. Porque eu só expressei minha opinião; aí me chamou para eu voltar. Mas eu falei, melhor não, senão o senhor vai ficar em situação difícil. Mas hoje tenho amizade com eles, com o presidente, fomos amigos de arquibancada e meu relacionamento com ele é ótimo, é de amizade. Então não tenho... Não estou vivendo mais o dia a dia do clube, mas eu tenho amizade com eles ali. Na medida do possível estou ali para ajudar, para colaborar. Foi bem engraçado que eu fiquei no departamento que era departamento do interior que você tinha relação com torcedores do Brasil inteiro, que escreviam, você arrumava para eles virem assistir o jogo aqui, acabei fiquei numa coisa que eu gosto. Esse relacionamento de amizade.

O torcedor sempre quer alguma coisa. Uma tribo de índios que quer um jogo de camisas do Palmeiras. Tentar arrumar isso. Alguém que pede, se o Palmeiras podia me dar um trator verde para trabalhar aqui. Puxa vida, arrumar um trator já é mais difícil. Sempre vem um pedido difícil, quase impossível de você realizar. Mas dentro do possível que a gente podia fazer, a gente fazia. Mas eram muitas cartas que chegavam. Acredito que ainda continuem chegando de torcedores apaixonados pelo Palmeiras do Brasil inteiro. O Palmeiras tem uma torcida... Eu era mais responsável pelo pessoal do norte e nordeste, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, meu Deus, como tem palmeirense. Uma cidade lá chamada Jardim do Seridó, (RN), a cidade inteira é palmeirense. E um escrevia, todo mundo escrevia. Se eu mandava um brinde para um, todo mundo queria. Era legal.

J.F. - Você tem guardada essa correspondência?

W.K. - Eu devo ter alguma coisa guardada. Eu vou atrás. Eu devo ter guardado alguma coisa, sim. Às vezes eu guardava porque eu achava uma coisa *sui generis*. No Palmeiras não dava para guardar tudo, a gente respondia e já tirava, liberava, eliminava aquilo. Mas algumas, eu vou guardar essa daqui, vou ver se tenho, vou te passar, era bem engraçado. O pessoal tirava foto com camisa do Palmeiras, as meninas pediam biquíni se tinha do Palmeiras, era sempre pedindo alguma coisa. Era bem engraçado mesmo. O relacionamento com a torcida que está longe, com o clube. O amor que existe pelo futebol, isso é bacana.

A.B. - Em que período você ocupou essa função?

W.K. - Eu fiquei na função de 1997 até 2001, 2002, quando o Palmeiras foi rebaixado, eu me afastei da diretoria.

J.F. - Matheus, a tua presidência coincide com uma mudança importante na paisagem das torcidas do Palmeiras. A TUP ela tem um momento que ela é capa da revista *Placar*, aquela campanha que o Palmeiras volta para Taça de Ouro, leva uma média de público até maior que o Corinthians nos estádios da época, mas é nesse período que surge a Mancha Verde, e ela surge num momento... Em 83, por exemplo, tem uma declaração de um integrante da TUP na *Folha* que diz assim: “nós perdemos o controle das nossas próprias torcidas.” Queria que você falasse um pouco como foi na presidência da TUP o surgimento da Mancha, a relação da TUP com a Mancha e a percepção de que havia perdido o controle das próprias torcidas.

W.K. - Eu acho que o controle da própria torcida, na verdade você não perde, porque você conquista a liderança da torcida, você não impõe a liderança. Se você é respeitado, exerce uma liderança do bem, você vai ser sempre respeitado. Agora, se você tiver uma cabeça que é

voltada a fazer as coisas erradas, a sua liderança é passageira. Na TUP a gente tinha muito mais gente voltada a fazer o bem do que para brigar, fazer o mal. Então nós não perdíamos a liderança sobre as pessoas. O que aconteceu com a TUP que tinha esse regulamento, essa preparação, essa forma de agir, é que muitas vezes nós tivemos que praticamente rasgar aquele regulamento. Não está valendo, porque quem está crescendo é aquele que está brigando. O mundo tinha mudado. Nós tentamos, até quando nós pudemos, nós tentamos manter essa atitude. E nós por termos pessoas muito mais voltadas à paz do que a guerra, nós tínhamos um certo controle, sim. E como eu te falei, se aparecia alguém que brigava, “vem, você vai fazer parte da diretoria aqui”. Porque não eram diretores que brigavam, era associado. Agora você vai fazer parte da diretoria para você saber, você vai ser responsável pelos seus atos. Pronto. Responsabilizando a pessoa pelo seu ato, era uma forma de você evitar que se disseminasse a violência. Quando surgiu a Mancha ela se tornou... Eu tinha amizade com todo mundo, mas existia uma rivalidade, uma queria ser maior do que a outra. Depois a Mancha se tornou uma torcida organizada também, carnaval e tudo. E carnaval eu nunca quis na torcida.

J.F. - É?

W.K. - Eu sempre fui contra que a torcida se tornasse um bloco ou uma escola de samba, porque não era nossa finalidade, então eu fui contra. “Ah, vai expandir aquilo”. Sabe, não vai representar nada para a gente, só para dizer que é um bloco, uma escola de samba. Então eu sempre fui contra.

J.F. - Mas a relação da TUP com a Mancha nesse período que você foi presidente foi uma relação tensa ou vocês coexistiram no espaço da arquibancada sem problema?

W.K. - Sem problema nenhum. Porque eles eram da TUP, na verdade, o Paulinho Serdan, tinha a Grêmio Alviverde, que era o falecido Antônio Carlos Morbio, ele foi da TUP, foi presidente da TUP por um período, período pequeno. Então eu não tinha problema com eles, para mim... O Cléo que foi o presidente da Mancha também.

J.F. - Ele foi da TUP o Cléo?

W.K. - O irmão dele pertenceu a TUP, sempre foi da TUP, nunca participou da Mancha. Então, não tinha problema, não. Coisas que nós podíamos fazer em conjunto, nós fazíamos, o que não dava, paciência, não dava para fazer. Eu torcia muito para que eles também crescesse, todas as torcidas, porque quem ganhava era o Palmeiras, torcidas fortes e bem preparadas e bem organizadas. O que precisava de mim particularmente, eu estava sempre à disposição deles, não tinha rivalidade. Sobre perder o controle, é porque geralmente eram pessoas que...

torcedores comuns e tal, que não pertenciam aos associados que pertenciam a uma torcida, é difícil ter o controle mesmo. A gente não pode responder por todos, mas quando você tem numa torcida pessoas mais ligadas às coisas boas do que as coisas ruins, então fica um pouco mais fácil você controlar.

J.F. - E no espaço da arquibancada, a TUP teve que se deslocar com o surgimento da Mancha, continuou ocupando o mesmo lugar?

W.K. - Um milímetro, não mexemos um milímetro, ficamos no mesmo lugar.

R.F. - E eles ficavam próximos?

W.K. - Do lado, um pouco mais para frente ou na curva, mas nosso lugar é aquele.

R.F. - E os cantos eram diferentes ou tinha alguma organização prévia para unificar esses cantos?

W.K. - A gente não marcava nada. Aconteciam as coisas por... não tinha como marcar nada. Nós tínhamos nossos cantos, eles tinham os cantos deles e quando coincidia eram os mesmos cantos, então arquibancada não dá para você organizar muito isso.

R.F. - Sim. Você falou um pouco da relação da TUP com o carnaval, em 89 ela participa do desfile oficial dos blocos carnavalescos em São Paulo. Você ainda estava na torcida nesse período, como foi essa participação da TUP?

W.K. - Eu estava, sim, mas foi um período que eu mesmo não me preocupava com o carnaval. Como eu disse, eu terminei a minha função lá e fui cuidar de bandeira, mas eu não participava na organização. Não quero, prefiro, não, preferi não participar. Quer dizer, eu ia no desfile, desfilava e tudo, mas na organização eu preferia não. Teve um ano que eles fizeram homenagem às festas italianas, aí nós levamos todo esse pessoal que trabalha nas festas italianas, todas as mamãs, levamos para desfilar no sambódromo, foi bem legal.

R.F. - Você comentou que todas as festas italianas do Brás, da região da Mooca tinham uma proximidade com a torcida do Palmeiras, e você não citou Achiropita, do Bixiga, falou que com eles não tinha uma relação. Eles tinham uma relação mais próxima com a torcida do Corinthians, pela Vai-Vai, alguma coisa?

W.K. - Eu não sei, viu, mas o pessoal deles era um pouco afastado da gente. O pessoal do Bixiga era um pouco afastado. São os italianos que eram mais afastados da gente ali. Lógico, a gente tinha muitos italianos ali no Bixiga que eram extraordinários, da Padaria São Domingos. Você sabe que ele era meu amigo e ele tinha um associado que morava ali perto da padaria, e quando a gente tinha caravana ele fazia aqueles pães de linguiça, uns 20 pães de linguiça “leva

lá o Matheus distribuir para o pessoal para ir para o jogo”, para as caravanas do interior, o Sergio.

R.F. - Bom, hein.

W.K. - Não era bom? [risos] Nosso amigo ali da padaria, tinha amizade, aí ele mandava os sacos de pão recheado de linguiça, ixi, fazia a festa. Nosso relacionamento foi bom, mas com o pessoal da Achiropita era... não sei se eles não procuravam a gente também, mas era diferente de San Gennaro que a gente ajudava com voluntários, São Vito, Casaluce, “preciso de gente para ajudar aqui”, pode deixar, nós vamos, vamos dar um jeito de ajudar vocês aí. Precisa de voluntário nós... Depois dormia todo mundo em casa, era uma bagunça só. Morava num casarão no Brás, cheio de quarto ali, fiquem a vontade aí, dorme todo mundo no chão, nos colchões. Era trabalho que a gente fazia, era uma família, a gente se interessava pelo outro, dentro da torcida ali. Era uma forma de a gente manter uma liderança com eles, dando exemplo, faça o bem que você vai manter a liderança dando bons exemplos, não precisa brigar, não precisa fazer nada.

A.B - Para falar em família, a mesma família que te coloca no Palmeiras, cria esse amor junto, em algum momento se opôs o seu envolvimento com a torcida, o tempo que você acaba deixando de estar presente em outros eventos?

W.K. - Era assim, porque você tinha que deixar sua família para ir viajar com a torcida, cuidar, chegar tarde, e aí você pouco vê sua mãe, seu pai, seus irmãos, é uma dedicação que você tem que ter. E lógico que se cobrava, sim, cobrava muito, muito, muito. Quantas vezes minha mãe falava “Matheus, chega, não vai mais, cada vez que você vai enquanto você não chega, nós não conseguimos dormir, saber se chega inteiro, se está bom, se está tudo certo”. Era assim, onde o Palmeiras jogava a gente ia, dava um jeito de sair mais cedo do serviço e acompanhar as caravanas, então...

J.F. - Matheus, teve alguma vez que você ficou acuado com a TUP em algum estádio do interior ou em outro estádio de uma torcida que queria brigar, embora a postura da TUP sempre fosse contrária?

W.K. - Teve. Eu lembro um dia que a gente foi jogar com a Ponte Preta, e o campo da Ponte Preta já havia sido interditado por briga, então o jogo foi no campo do Guarani. Nós ficamos no estádio lotado, lotado. Primeiro a torcida da Ponte Preta jogou uma caixa de marimbondo em cima da torcida do Palmeiras, nós tivemos que ficar escondido ali, se cobrir com a bandeira, acender fogo para... Começou por ali. Foi um jogo que o Palmeiras começou ganhando de 3x0

e a Ponte Preta conseguiu empatar 3x3, e na saída o Palmeiras fez 4x3. Quando o Palmeiras fez 4x3, a torcida da Ponte Preta veio toda em cima da gente. Nós pegamos os nossos instrumentos e jogamos tudo para dentro da sede do Guarani, bandeira, tudo que nós pudemos jogar dentro do clube, nós jogamos. Agora vamos nos defender a gente ali. Mas foi uma briga muito feia, muito feia mesmo. Gente machucada e era uma torcida violenta da Ponte Preta. A torcida da Ponte Preta, do Botafogo de Ribeirão Preto e a torcida do Marília, eles eram violentos, era uma torcida que só tinha gente boa de briga, violenta mesmo. Bom, passou, nós fomos falar com o diretor do Palmeiras que era o senhor Mustafá, explicando para ele o que tinha acontecido, “tivemos que jogar até nosso surdo para baixo, dentro do clube do Guarani”, ele falou “vocês jogaram o surdo? E ele não se machucou?” [risos] Ai meu Deus do céu, como você entende de torcida. Uma vez em Ribeirão Preto também. Nós fomos num jogo de manhã, isso nem foi a torcida, mas o pessoal do Botafogo, eles tinham colocado a bateria de rojão, eles viraram a bateria de rojão para cima da torcida do Palmeiras. Olha o sufoco, receber uma pipocada de rojão em cima ali, quer dizer, sufoco total. Jogar no interior não era fácil.

J.F. - Esses episódios ocorreram na tua presidência?

W.K. - Na minha presidência. Era difícil. Como você vai controlar violência? Você tenta ser uma pessoa de paz, mas é difícil, tinha situações ali que você tinha que ter um controle muito forte para não ter confusão, não ter briga. Uma vez fomos jogar na rua Javari, também, o Juventus, foi 1x1 o jogo, ainda jogava o Mario Sergio do Palmeiras, foi estreia do Mario Sergio no Palmeiras, a briga nunca com a torcida do Juventus que era nossa torcida coirmã, né, aí não sei o que aconteceu um lance dentro do campo, eu falei para o chefe do policiamento, a torcida está furiosa, não estou vendo boa coisa aqui não, falei para ele. Ele falou “o que nós vamos fazer?”, “o senhor que sabe, o senhor que é o chefe do policiamento”. Não deu outra. O alambrado veio abaixo ali, na Javari. Situações meio complicadas. Toda vez que ia jogar com a Portuguesa também, no Canindé era confusão, com o Santos na Vila Belmiro, confusão. Isso eu digo para o fim, nos anos 80, anos para frente começou a situação ficar difícil, não era mais a mesma coisa que nos anos 70. O comportamento mudou completo. No Rio de Janeiro você já não podia mais porque a situação era difícil. E piorou. Eu não sei se o retrato da sociedade está dentro das torcidas, pode ser, não é, o mundo mudou também. O mundo veio “desevoluindo”, não é evolução, estamos voltando para trás, tudo se resolve na base da violência. Depois se resolvia na base da briga corporal, hoje não existe mais, agora é arma de fogo, isso que é triste. Mudou muito o comportamento.

R.F. - Matheus, você havia comentado do Congresso Mundial de Torcidas, em Roma, na Itália, que você participou em 1980, como chegou esse convite?

W.K. - Na verdade quem participou foi o nosso diretor administrativo, Maurizio Massoli. Ele era um romano, torcedor do Roma e ele ia para Itália. Foi para a Itália, na Itália falou que tinha esse congresso. Foi mandado chaveiros, camisas e tal e ele participou desse congresso aí, que favoreceu para divulgação da torcida e tudo. Ele foi lá para sede da torcida do Roma e falou você não gostaria de participar? Então através da torcida do Roma a torcida do Palmeiras participou. Torcedores da Suíça, as torcidas da Itália. Esse congresso que visava justamente isso, não ter briga, isso nos anos 80. Aí participou, tivemos a autorização para a fumaça e tal. Eu não fui, mas ele foi, teve uma representação da torcida nesse congresso na Europa. Aí todo ano tinha, mas para ir todo ano não dava.

R.F. - E antes disso vocês tinham informação, sabiam o que acontecia com a realidade de torcida de outro país, na Europa, na Inglaterra, Itália, Argentina? Existia esse conhecimento de que existiam movimentos similares as torcidas organizadas em outras partes do mundo?

W.K. - Não, a gente não sabia que existia. A partir daquele desastre que teve com a torcida do Juventus, torcida do Liverpool, aí nós ficamos sabendo que eles começaram a se organizar para tentar mudar um pouco o painel do que estava acontecendo lá. Com leis rígidas eles diminuíram, com leis rígidas, na Europa, conseguiram diminuir um pouco a violência. Não dá para dizer que acabou, mas diminuiu um pouco. Aqui no Brasil falta um pouco de coragem para isso.

A.B - Teve alguma coisa que a gente não perguntou ou que você gostaria de registrar nessa oportunidade?

W.K. - Eu só tenho a agradecer. Acho que foi tudo perguntado, então a gente pode passar um pouquinho do que foi os anos românticos, os anos que a gente começou a ir no estádio, a contribuição que a gente pode dar, essa torcida, e o nosso tempo de também de nos retirar, de ser um torcedor comum que vem no estádio, então foi tudo um aprendizado, e o que de bom que eu pude passar, eu passei também. O que eu aprendi em casa de disciplina, de atuação, a gente pode passar um pouquinho também para eles, sabendo que o esporte é para a gente ser amigo, fazer essa relação de amizade e boa convivência com todos. O esporte foi feito para isso. Futebol principalmente foi feito para a gente multiplicar nossos amigos, isso que é bom. Só tenho a agradecer a vocês.

R.F. – Obrigado.

A.B. - A gente que agradece em nome do CPDOC, na FGV, em nome do Museu do Futebol, que seja o primeiro convite de outros mais.

W.K. - Eu agradeço o carinho de vocês e podem contar comigo para tudo que precisar que estamos aí.

A.B. - Obrigada.

[FIM DO DEPOIMENTO]